

REDUPLICAÇÃO EM ORO WARAM (WARI'/PAKAA NOVA, TXAPAKURA): UMA ANÁLISE DAS RESTRIÇÕES EM OT

Selmo Azevedo Apontes¹
Seung Hwa Lee²

RESUMO: Para que haja a interação de restrições, interação de hierarquia de um sistema interpretativo dos dados, é preciso conhecer o sistema de restrição fonotática da estrutura silábica da língua, o input, e desse modo poder chegar a uma produção aceitável e reconhecível dentro do sistema, output. Assim, este trabalho visa apresentar o tratamento da reduplicação em Oro Waram, uma variante do grupo Wari', também conhecido como Pacaa Nova, família Txapakura, falada no interior de Rondônia. Existem três formas de reduplicação nesta língua – cópia fiel da base e reduplicação que envolve processos fonológicos – apagamento de coda e cópia, e neutralização de /t/. Quando a base é CVCVC, a palavra reduplicada é CVCVC CVCVC: *fɪ.raw* -> *fɪraw*. Quando a reduplicação envolve os processos fonológicos, a base é CVC e a reduplicação ocorre em forma de CV_iCV_i CV_iC a partir de base /CV_i C/. Há uma restrição fonotática impede que /t/ se realize em posição de coda em [r], então pode ser realizado como [t]. Quando a base termina em [t], o reduplicante preserva /t/ no interior da base, mas se realiza [t] na coda: *het* (/her/) -> *herVher* -> *herehet*. Quando a coda é outra consoante diferente do /t/, esta consoante é apagada no reduplicante e a consoante onset da base é copiada no lugar da consoante apagada – *wak* -> **wakVwak* -> *wawawak*. Por fim, verificaremos se as restrições propostas podem ser generalizadas para outros processos fonológicos, como uma atuação reparadora, restaurando o sistema fonotático da sílaba a partir da organização fonológica da reduplicação. Para a leitura dos dados nos valeremos da teoria da otimalidade, tendo em vista fazer uma proposta de enquadramento da hierarquia das restrições que ocorrem desde o mapeamento da reduplicação até os processos de ajustes internos.

PALAVRAS-CHAVE: Oro Waram; Wari; Txapakura, Fonologia; Otimalidade

1. Introdução

O presente trabalho visa apresentar o processo de reduplicação em Oro Waram, a partir da Teoria da Otimalidade (Prince & Smolensky, 1993, McCarthy & Prince, 1995; McCarthy, 2008). O Oro Waram faz parte do grupo linguístico denominado Wari' ou Pacaa Nova, da família linguística Txapakura, falada no interior do estado de Rondônia, Brasil. O conjunto de dados ora apresentado faz parte da pesquisa de doutorado sobre a descrição do Oro Waram, elaborado por Apontes sob a supervisão de Lee.

Aparentemente, a reduplicação é um processo simples, que toma uma base e a reduplica. Porém, a reduplicação evidencia a interface da fonologia e morfologia. Essa interface é estudada pela morfologia prosódica (McCarthy & Prince, 1995). Assim, todo processo reduplicativo envolve princípios motivados a partir da fonologia e da morfologia. Para que ocorra uma reduplicação é necessário verificar um conjunto de restrições. Essas restrições são de cunho fonológico. Veremos, a partir de McCarthy &

¹ Professor da UFAC e Doutorando no programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: selmoapontes@gmail.com

² Professor da UFMG. E-mail: shleebr@gmail.com

Prince (1995, p.1), a reduplicação ocorre satisfazendo um *template*, um molde, baseado na relação especial entre a base e sua cópia reduplicativa (chamada de reduplicante).

Tendo em vista que a reduplicação toma uma determinada base e a reduplica, a identidade da cópia reduplicada evidenciará processos fonológicos, engatilhando condições para a organização da cópia reduplicada. Assim será verificado como ocorre a identidade entre a base e a cópia, e os processos fonológicos engatilhados dos mesmos.

O texto estrutura-se com a apresentação de três modalidades de processos reduplicação, no qual ocorre a cópia idêntica à base, sem a necessidade de nenhum processo fonológico. Depois tratará sobre a hierarquia das restrições. Nesta seção será apresentada uma breve introdução sobre a teoria da otimalidade, seguido de conceitos necessários para o entendimento dos *tableaux*, com as propostas de análise de raqueamento das hierarquias.

2. Processo de reduplicação

A reduplicação é um processo em que revelará o modo como a estrutura reduplicada irá acomodar-se à fonotática da língua. Existem três formas de reduplicação nesta língua: cópia fiel da base e reduplicação que envolve processos fonológicos – apagamento de coda e cópia, e neutralização de /r/. Vejamos cada uma delas.

2.1 Reduplicação 1:

A reduplicação 1 toma a cópia fiel da base e a reduplica, sem envolvimento de nenhum processo fonológico. Esse tipo de reduplicação ocorre em estruturas dissilábicas CV.CV(C).

1.a) <i>ʃiraw</i>	‘escrever’	1.b) <i>ʃiraw ʃiraw</i>	‘escrever escrever’
2.a) <i>noro</i>	‘observar’	2.b) <i>noro noro</i>	‘observar observar’
3.a) <i>kirik</i> ³	‘ver’	3.b) <i>kirik kirik</i>	‘ver ver’

Verifica-se, nos exemplos (1) a (3), que o processo de reduplicação toma a cópia fiel da base CV.CV(C) e reduplica-a. Essa forma de reduplicação verbal tem duas possibilidades interpretativa: serve para indicar que a ação verbal está no plural ou para indicar a atitude enfática em relação ao evento descrito pelo verbo.

2.2 Reduplicação 2

Quando a reduplicação envolve os processos fonológicos, a base é CVC e a reduplicação ocorre em forma de CV₁CV₁CV₁C, a partir de base /CV₁C/. Vejamos os dados da reduplicação 2:

4.a) <i>kat</i>	‘quebrar	4.b) <i>karakat</i>	‘quebrar várias vezes’
-----------------	----------	---------------------	------------------------

³ A proeminência acentual é previsível, ocorrendo sempre no final da sílaba. Assim, devido a um processo fonológico de apagamento da vogal átona, a realização fonética do exemplo (2) é *nro*, e em (3) é *krik*.

5.a) het	‘sair’	5.b) herehet	‘sair...’
6.a) hot	‘arrancar’	6.b) horohot	‘arrancar várias vezes’

Na sequência dos dados do grupo (a) acima, temos o lexema verbal no ‘singular’. No grupo (b), temos o lexema verbal no plural, na forma ‘reduplicada’.

Há alguns fatos que nos chamam a atenção a partir dos dados acima:

- a reduplicação toma o ‘molde’ da base – CVC - e reduplica esse molde em sua íntegra;

- na posição da coda silábica, no grupo (a), dos exemplos (4), (5) e (6), o [t] que se realiza no grupo (b) como [r] no interior da base;

- o segundo fato é a necessidade de inserir um suporte vocálico na base reduplicada, otimizando a sílaba, causando uma ressilabificação. Isso ocorre porque há o mapeamento fonotático que proíbe a coda interna ao molde reduplicado;

- o processo de reduplicação e de reajuste interno expõe o seguinte processo fonológico: há uma restrição fonotática impede que /r/ se realize em posição de coda em [r]. Então, o ‘tap’ pode ser realizado como [t]. Quando a base termina em [t], o reduplicante preserva /r/ no interior da base, mas se realiza [t] na coda⁴;

- o valor da vogal que é epentetizada entre a base e a reduplicação não é sempre o mesmo. Há a epêntese de uma vogal não-especificada – V -. A especificação dessa vogal dependerá da qualidade vocálica da base, como pode ser verificado nos exemplos (4), (5) e (6).

Assim, temos uma base (B) que é reduplicada (R). Mas a organização da composição na base depende de mapeamentos (MAP) feitos a partir da fonotática da língua. Por fim, ocorrem ajustes (AJ) da gramática para interpretar o molde reduplicado que passou pelo mapeamento das estruturas com a finalidade gerar estruturas permissíveis, superficializando formas já interpretadas.

Observa-se que a mais ‘simples’ reduplicação de uma base tem que passar por um filtro interpretativo do funcionamento do sistema da língua, que consiste em primeiro lugar identificar os ajustes que serão realizados para superficializar as formas reduplicadas a partir da fonotática. Assim, será a fonotática da língua que permitirá a composição da sílaba e posições em que os fonemas podem ocupar na estrutura silábica. Será a fonotática que fará com que os ajustes realizados sejam adequados a esse ‘mapeamento’ para superficializar formas ‘otimizadas’.

⁴ Este fato está em consonância com um ‘empréstimo’ incorporado em Oro Waram: ‘professor’. Aqueles que já adquiriram o sistema da língua portuguesa acrescentam a esse empréstimo um {-o} final: ‘professor+o’ = ‘professoro’. Na língua em questão, o morfema básico para identificar algo do gênero gramatical masculino é {-on}. Então, o processo está dentro do esperado. No entanto, a motivação para realizar esse acrônimo não é somente para indicar o gênero do lexema, mas também para evitar que ‘/r/’ em posição de coda realiza-se como [t]. Desse modo, não seria ‘errado’ pronunciar ‘professot’. (Não entraremos na questão de diferença do sistema fonológico entre o português e o Oro Waram’, pois a discussão se encaminharia para outro destino).

2.3 Reduplicação 3:

Vejam agora outro grupo de reduplicação 2 em que o processo é inverso do que ocorreu na reduplicação 1. da reduplicação 2. Vimos que quando a base termina em [t], o reduplicante preserva /r/ no interior da base, mas se realiza [t] na coda: *het (/her/)* -> *herVher* -> *herehet*:

7.a pan	‘cair’	7.b papapan	‘cair várias vezes’
8.a wak	‘roçar’	8.b ‘wawawak	‘roçar várias vezes’ ⁵
9.a maw	‘ir’	9.b mamaw/momaw	‘ir. PL’

Nesse conjunto de exemplos (7), (8) e (9), verifica-se que a fonotática da língua requer um novo recurso para realizar organização da estrutura silábica após a reduplicação: ela utiliza o apagamento. Diferentemente do que ocorreu com o conjunto de dados da Reduplicação (2), nos exemplos (4, 5, 6) em que houve o requerimento de epêntese para otimizar a sílaba, nos exemplos (7, 8, 9) ocorreu o apagamento sistemático da consoante final [n, k, w]. Nesse conjunto de dados, houve outro tipo de ajuste e outro tipo de mapeamento da estrutura. Pode-se generalizar que, quando a base possui a coda diferente de /r/, a coda pode ser apagada no reduplicante.

Por outro lado, se for acionado uma epêntese vocálica para ‘otimizar’ a sílaba, temos a geração de:

*{panapanapan}, *{wakawakawak} e *{mawamaw}

A estrutura reduplicada com a utilização de epêntese, nesses casos, não é permitida. No entanto, ainda continuam em ação duas restrições fonotáticas que serão imprescindíveis para o entendimento da reduplicação: impedimento de duas consoantes no interior da sílaba (a proibição da coda interna à sílaba) e outra restrição será o impedimento de hiato. Os dados indicam que há uma hierarquia de restrições. O conjunto das restrições será especificado a seguir

3. Hierarquização de restrições

3.1. Introdução teórica

Aproveitamos do breve resumo dos pontos básicos da OT, em Lee (1999)⁶:

A OT concentra seu esforço no *output* e o *output* ótimo. A relação entre o *input* e o *output* é obtido pelas interações e hierarquia das restrições de boa-formação que se aplicam simultaneamente nas formas de superfície - não há representação intermediária na OT.

A ideia básica da OT é que a Gramática Universal (UG) é constituída pelo conjunto de restrições (*constraints*) violáveis e hierárquicas (*ranked*) e os fenômenos

⁵ Também pode ser traduzido como ‘fazer derrubada’.

⁶ Lee, S.-H. TEORIA DE OTIMALIDADE E SILABIFICAÇÃO DO PB. In: Ibler, V. B, Mendes, E. A. M. e Oliveira, P. F. M de (eds.) Revisitações: Edição Comemorativa dos 30 anos da FALE/UFMG, Belo Horizonte, 1999. pp.143-156.

fonológicos podem ser definidos pelas interações e hierarquias (*ranking*) das restrições violáveis e gerais da OT.

A OT têm cinco princípios básicos (cf. McCarthy & Prince, 1994, p3):

- i) Universalidade (*UNIVERSALITY*): UG fornece o conjunto *Con* de restrições que são universais e presentes universalmente em toda gramática.
- ii) Violação (*VIOLABILITY*): as restrições são violáveis; mas a violação é mínima.
- iii) Hierarquia (*RANKING*): as restrições são hierarquizadas em cada língua; a noção de violação mínima é definida por essa hierarquia de restrições.
- iv) Inclusão (*INCLUSIVENESS*): A hierarquia de restrições avalia o conjunto das análises de candidatos que são admitidas pelas considerações mais gerais de boa-formação de estrutura.
- v) Paralelismo: a melhor satisfação da hierarquia de restrição é computada, considerando a hierarquia por inteiro e o conjunto de candidato por inteiro. Não há derivação serial.

Tendo em vista que a reduplicação não é simplesmente uma cópia e colagem afixados a um radical, ela revela processos de acomodação que envolve tanto a morfologia quanto a fonologia. McCarthy e Prince (1995, p.2) ampliam e refinam os trabalhos dentro do quadro maior da OT, principalmente na seção da teoria da correspondência, buscando eliminar as distinções teóricas entre a teoria da fidelidade entre o *input* e o *output* e da identidade entre a *base* e o *reduplicante*, pois ambos apresentam níveis paralelos entre si, ou seja, as duas são muito próximas. Na explicação da teoria da correspondência, McCarthy e Prince eles apresentam o suporte teórico para a leitura dos dados nos tableaux que se seguirão.

Em relação à unificação da teoria da fidelidade e da identidade, nos processos de reduplicação, será verificada a *complementaridade do mapeamento*, a *dependência no input/base*, *contiguidade do mapeamento*, *linearidade do mapeamento*, *ancoramento das margens*, *identidade dos traços* e *correspondência*. Vejamos cada uma delas (McCarthy & Prince, 1995, pp. 3-4).

Complementaridade do mapeamento

- No domínio da identidade da base reduplicante, complementaridade envolve a total reduplicação e a incomplementaridade é a reduplicação parcial, normalmente satisfazendo algum molde requerido sob a forma canônica do reduplicante.
- No domínio da fidelidade *input-output*, incomplementaridade envolve apagamento fonológico.

Dependência no *input/base*

- No domínio da identidade da base-reduplicante, o material fonológico do reduplicante normalmente é apenas o da base. Esta dependência da base é violada no sistema que fixa segmentos *default* no reduplicante.

- O paralelo no domínio *input-output* é a epêntese, com segmentos *default* inseridos sob a condição silábica ou outros domínios

Contiguidade do mapeamento

- No domínio da identidade da base-reduplicante, a cópia é usualmente uma **sequência contígua** à base. (A contiguidade protege a coda consonantal da reduplicante-medial. A violação da propriedade de contiguidade não protege a coda consonantal na reduplicante medial).
- Os efeitos da contiguidade são conhecidos no domínio *input-output*, apesar deles serem menos estudados que outras restrições, tal como epêntese ou apagamento.

Linearidade do mapeamento

- Reduplicação normalmente preserva a ordem linear dos elementos.
- Similarmente, o mapeamento I-O tipicamente respeita a ordem linear, mas a metátese é uma possibilidade de não proteção da linearidade.

Ancoramento das margens

- Normalmente o reduplicante contém pelo menos um elemento da margem da base, tipicamente a margem esquerda em reduplicantes prefixados e a margem direita nos reduplicantes sufixados.
- O ancoramento das margens tem sido observado e estudado mais extensivamente no domínio *input-output*, onde foi identificado com a classe de restrições de **alinhamento** das margens dos constituintes prosódicos e morfológicos.

Identidade dos traços (*featural*)

- Segmentos copiados na base e no reduplicante são normalmente idênticos um ao outro, mas pode diferenciar os traços por razões fonológicas.
- O mesmo tipo de identidade, ou não identidade fonologicamente motivada, dos segmentos no *input* e *output* é o ponto crucial da alternância fonológica.

Desse modo os McCarthy & Prince definem a teoria da **correspondência**, estendendo-a para o domínio do *input-output*, e além de outras relações linguísticas. Correspondência por si mesma é a relação entre duas estruturas, tal com uma base e o reduplicante (B-R) ou *input* e o *output* (I-O).

Correspondência

Dado a sequência de dois segmentos S_1 e S_2 , **correspondência** é a relação R do elemento de S_1 para aquele de S_2 . Os elementos $\alpha \in S_1$ e $\beta \in S_2$ são referenciados como **correspondentes** um do outro quando $\alpha R \beta$

Assim, McCarthy e Prince apresentam restrições que devem assegurar a correspondência e a identidade dos elementos correspondentes. Segundo eles, há restrições separadas (e ainda ranqueadas separadamente) para cada relação correspondente (isto é, *input/output*, base/reduplicante). Segue três importantes famílias

de restrições, todas relacionam a sequência S^1 (base, *input*, etc.) para a sequência S_2 (reduplicante, *output*, etc.).

A Família de Restrições MAX

Esquema Geral: Cada segmento de S_1 tem um correspondente em S_2 .

Instância de domínio específico

MAX-BR: Cada segmento da base tem um correspondente no reduplicante.

MAX-IO: Cada segmento do *input* tem um correspondente no *output*.
(Sem apagamento fonológico)

A Família de Restrição DEP

Esquema Geral: Cada segmento do S_2 tem um correspondente em S_1 .
(S_2 é 'dependente de' S_1)

Instância de domínio específico

DEP-BR: Cada segmento do reduplicante tem um correspondente na base. (Proíbe epêntese no reduplicante)

DEP-IO: Cada segmento do *output* tem um correspondente no *input*.
(Proíbe epêntese fonológica)

A Família de Restrição IDENT(F)

Esquema Geral

IDENT(F):

Permite α ser um segmento em S_1 e β ser qualquer correspondente do α em S_2 .

Se α é $[\gamma F]$, então β será $[\gamma F]$.

(Segmentos correspondentes são idênticos no traço F.)

Instância de Domínio Específico

IDENT-BR(F)

Reduplicantes correspondentes de uma base $[\gamma F]$ são igualmente segmentos $[\gamma F]$.

IDENT-IO(F)

Output correspondente de um *input* $[\gamma F]$ são igualmente segmentos $[\gamma F]$.

3.2 Análise da reduplicação nos tableaux

Vejamos como atua esse conjunto de restrições e ranqueamentos na análise das reduplicações constantes na *Reduplicação 1*), *Reduplicação 2*) e *Reduplicação 3*.

Tableau 1: Emergência de não-marcação

RED + maw	Ident-IO	*Diph	Ident-BR
a.momaw		*	*
b.mawmaw		**!	
c.momo	*!		

O tableau 1 exemplifica a emergência de não-marcação, ou seja, há uma estrutura que emerge na forma reduplicada (RED) a partir de aplicações de processos fonológicos. E esse processo fonológico é a restrição de ditongo no interior da palavra. Desse modo, o candidato (a) viola a Ident-BR, ou seja, não há fidelidade entre a Base e o Reduplicante. O candidato (b) não viola a identidade entre a base e o reduplicante porque os segmentos correspondentes possuem os mesmos traços. Mas viola a restrição que proíbe ditongo no reduplicante. O candidato (c) viola a restrição ranqueada mais alta, em que o *output* não corresponde ao *input*. O candidato (a) por mais que viole a Ident-BR e obedeça à restrição de *Diph, é o mais fiel na correspondência da identidade entre o *Input* e o *Output*. Porém, esse ranqueamento ainda necessitará de uma revisão a partir da análise dos demais dados da reduplicação.

Assim, ocorre o ranqueamento de:

- i) **Ident IO >> *Diph >> Ident-BR**

Vejamos se esse ranqueamento se mantém nos demais tableaux.

Tableau2: Aplicação Normal

RED V+ Kar	CodaCond	Ident-IO	Ident-BR
a. Karakar	*!		
b. Karakat		*	*
c. Katakak		**!	

O tableau 2 exemplifica a aplicação normal de reduplicação, em que a reduplicação insere um núcleo vocálico (V), com a qualidade vocálica copiada da base. O candidato (a) não viola a restrição de Ident-BR, ou seja, a base possui os mesmos segmentos do reduplicante. Também não viola Ident-IO, ou seja, o *Input* é fiel ao *Output*. Porém viola a restrição ranqueada mais alta, Coda Cond. Essa restrição diz respeito a um impedimento de determinados segmentos situarem-se na posição de coda. No caso, restringe /r/ em posição de coda. O candidato (c) viola duas vezes Ident-IO e uma vez Ident-BR. O ranqueamento de CodaCond >> Ident-IO muda /r/ em [t] na coda final. Assim, o candidato ótimo é (b), apesar de violar Ident-IO e Ident-BR. (ver detalhes abaixo).

Desse modo ocorre o ranqueamento:

- ii) **CodaCond >> Ident-IO >> Ident-BR.**

Tableau2: Aplicação Normal (Outra possibilidade de hierarquização das restrições)

RED V+ Kat Base: kar	CodaCond	Ident-IO	MAX-IO	Diph	Ident-BR
a. Karakar	*!		*		
b. Karakat		*	*		*
c. Katakak		**!	*		

Veamos agora a necessidade do requerimento de uma restrição para satisfazer uma necessidade de uma segunda cópia (Tableau 3.a). Em seguida, esse ranqueamento de restrição se torna inativo (Tableau 3.b). LAnchor-BR é necessário para explicar este tipo de reduplicação, uma vez que segunda consoante da margem direita sofre alternância.

Tableau 3a: Requerimento de LAnchor-BR

RED+ Pan	LAnchor BR	OCP	*CC	DEP-BR	Ident-BR
a. panapan		*!		*	
b. papapan				*	*
c. panpan			*!	*	

O Tableau 3.a, apresenta quatro candidatos. O candidato (a) não viola a Ident-BR, pois o segmentos da base são os mesmos do reduplicante. Viola DEP-BR, que exige uma dependência de cada segmento da base ser idêntica a reduplicante, ou seja proíbe epêntese. A epêntese no reduplicante ocorre pelo ranqueamento *CC >> DEP-BR. Desse modo para evitar a restrição de proibição de duas consoantes contíguas, houve a epêntese vocálica, cuja vogal epentética é cópia da base. Mas essa epêntese feriu a OCP, o princípio de contorno obrigatório em que se esperaria segmentos idênticos ou similares à base reduplicada. Assim, a segunda consoante no reduplicante é copiada pela LAnchor -BR e OCP, ou seja cada consoante deve ser ancorada a um núcleo vocálico. Desse modo ocorre o ancoramento da Base Reduplicada. O candidato (c) viola DEP-BR e *CC, mas não viola OCP e nem LAnchor BR.

(TALVEZ NÃO SERIA NECESSÁRIO UM REQUERIMENTO DE LANCHOR, mas sim algum recurso para realizar uma dupla reduplicação. Porém LAnchor protege a margem e faz o ancoramento de dois elementos (de duas reduplicação))

Tableau 3.b: OCP >> Ident-IO

RED+ Pan	OCP	Ident-IO	DEP-BR	Ident-BR
a. panapan	*!		*	
b. papapan		*	*	*

Tendo em vista que o Tableau 3.a necessitou de Anchor-BR para que o reduplicante obtivesse dois elementos da margem esquerda da base. Uma vez copiado o elemento da base através de Anchor-BR, ela não se faz mais necessário. No Tableau 3.b, o candidato

(a) é mais fiel à forma da base (satisfaz Ident-IO), mas viola OCP, que está ranqueada mais alta. Sendo assim, o candidato ótimo é (b) mesmo não sendo fiel à forma da base. Assim, obtém-se a seguinte hierarquia de restrições:

iii) OCP >> Ident-IO >> DEP-BR >> Ident-BR.

Tableau 4: Emergência de não marcação

RED+ maw	Ident-IO	*Diph	Uniformity	Ident-BR
a. mawmaw		**!		
b. momaw		*	*	*

Voltemos aos dados da reduplicação no tableau 1, agora acrescentado a restrição de *Uniformity*. A *uniformity* protege a coda medial do reduplicante. Assim, a restrição *Diph proíbe o ditongo no reduplicante e *Uniformity* garante a coalescência de /a/ + /w/ = [o]. O ranqueamento Ident-IO >> *Diph garante o ditongo na base. Este é o caso de emergência de não marcação: Fidelidade-IO >> Marcação >> Fidelidade-BR

Assim, as restrições obedecem à seguinte hierarquia:

iv) Ident-IO, *Diph >> Uniformity >> Ident-BR

Tableau 5: Ident-r >> OCP

RED+ kat Base: /kar/	CodaCondition	Ident-r	OCP	*CC	Ident-IO	DEP-BR	Ident-BR
a. kar.kar	*!		*	*			
b. ka.ra.kar	*!		*			*	*
c. katkat		**!	*	*	**		
d. katakat		**!	*		**		
e. kakakat		**!			**	*	*
f. karakat		*	*		*	*	*

No tableau (5), a hierarquia de CodaCond >> Ident-IO muda /r/ na coda final para [t]. A hierarquia Ident-R >> OCP garante que /r/ na base não sofra alternância no reduplicante. Desse modo, o candidato (a) viola a restrição com ranqueamento mais alto na hierarquia proposta, CodaCondition. O candidato (b) também viola a hierarquia mais alta. Em (c), os segmentos não são idênticos, pois sofrem alternância no reduplicante, fere a exigência de contorno obrigatório. Além de ferir a restrição que proíbe duas consoantes contíguas. Assim, os traços dos segmentos do *input* não correspondem aos traços dos segmentos no *output*. O candidato (d) viola a restrição de identidade do segmento / r /, os segmentos do *input* não correspondem ao *output*, pois ocorre a epêntese. Além dos segmentos da base não serem os mesmos que os segmentos do reduplicante. O candidato (e) viola a restrição dos segmentos base não correspondem aos segmentos do reduplicante. Ocorre, então, a epêntese, ou seja: o *input* não corresponde ao *output*, pois fere duas vezes a correspondência do / r /. O candidato /f/ é o candidato ótimo, apesar de violar a segunda restrição ranqueada mais alta: Ident-r. Ao violar essa restrição, não viola a restrição ranqueada mais alta, ou seja, não fere a *CodaCondition*.

Desse modo, ocorre a hierarquia das restrições.

- v) **CodaCondition >> Ident-r >> OCP >> *CC >> Ident-IO >> DEP-BR >> Ident-BR**

A partir dos dados apresentados e analisados sob a ótica da OT, verifica-se uma hierarquia das seguintes restrições:

- i) **Ident IO >> *Diph >> Ident-BR**
- ii) **CodaCond >> Ident-IO >> Ident-BR.**
- iii) **a. Lanchor >> OCP >> Ident-IO >> DEP-BR >> Ident-BR.**
b. OCP >> Ident-IO >> DEP-BR >> Ident-BR.
- iv) **Ident-IO, *Diph >> Uniformity >> Ident-BR**
- v) **CodaCondition >> Ident-r >> OCP >> *CC >> Ident-IO >> DEP-BR >> Ident-BR**

(CodaCondition) >> (Max-IO) >> Ident-r/ >> (OCP) >> (*CC); (Diph) (Uniformity) >> Ident-IO >> (DEP-BR >> Ident-BR

4. Considerações finais

Verifica-se, a partir das 5 propostas de hierarquização, que haverá uma organização interna das restrições, avaliando um conjunto de dados diferentes, e cada conjunto com candidatos diferentes. Cada conjunto de dados necessitará uma análise da **correspondência** entre a base e o reduplicante. Essa correspondência verificará a **complementaridade** do mapeamento. No caso de estruturas CVCVC, ocorre a reduplicação total. Mas no caso de estruturas CVC, a reduplicação possui dois caminhos, total e parcial. A **dependência** do *input/* base nem sempre será obedecida e será violada a partir de organização do material fonológico. O mapeamento do material fonológico irá obedecer a restrições impostas pela fonotática, que proíbe determinados segmentos (no caso /r/ em posição de coda e ditongos no reduplicante), apagando, inserindo ou realizando a coalescência do segmento adequando-se a um contorno obrigatório estrutural. Realizando, verificação da **contiguidade** do mapeamento protegendo a coda medial. Quanto à **linearidade** do mapeamento, foi observado que o reduplicante preserva a ordem da base, ao copiar segmentos sequenciais, lineares. O **ancoramento** também foi requisitado no primeiro estágio da construção do reduplicante, copiando dois elementos da margem esquerda do reduplicante. E a **identidade** dos traços da base, também exemplificada através da violação da preservação da identidade do traço de /r/ da base.

Assim, a análise da **correspondência** entre *input-output* ou entre a Base e Reduplicante requer que os elementos constantes em I/B sejam referenciados como correspondentes em O/R. Porém, essa correspondência evidenciará o requerimento de processos não tão simples, exigindo um mapeamento dos elementos da Base, intermediados com

restrições que acomodarão o Reduplicante, segundo critérios que interagem motivos fonológicos e morfológicos.

Agora, devido ao fato de serem dois processos diferentes atuando na reduplicação: um em que a restrição do apagamento é ranqueada mais alta e o outro em que a restrição da epêntese é ranqueada mais alta. Porém, como há processos diferentes, há ranqueamentos diferentes, que podem ser ativados ou não no processo, dependendo da reduplicação em ação. Esse é o caso da restrição de duas consoantes contíguas ou de coda medial e de proibição de ditongo. Por outro lado, por mais que haja restrições que asseguram a correspondência I/B e O/R, as restrições podem ser separadas e ranqueadas separadamente. Mas também as restrições podem estar inativas para um processo de reduplicação e ativas para outros. Assim, a teoria da correspondência em que a sequência de segmentos S1 e S2, são correferenciados como correspondentes um do outro quando aRb. Essa correspondência passa pela atuação do conjunto de restrições violáveis e ranqueadas hierarquicamente. Por mais que possam atuar separadamente, elas podem ser ‘ativadas’ dependendo do processo fonológico requisitado pela correspondência do segmento de S1, que é a B/I, com o segmento S2, que é B/O. Assim, verifica-se que há paralelos entre a teoria da fidelidade entre o *input* e o *output* e da *identidade* entre a *base* e o *reduplicante*.

Por outro lado, é dito que não há representação intermediária na OT. Porém, em 3.a e 3.b verificamos que, para uma geração de candidatos aptos a entrarem no processo de hierarquização de restrição, foi preciso fazer um estágio preliminar, com LAnchorment-BR, ou seja, um processo para proteger a margem esquerda do reduplicante. Após, realizar o processo de proteção da margem do reduplicante, desfez-se as duas restrições paralelas, ou seja OCP e a *CC. Resolvido o caso da *CC, pode ser realocado o Ident-IO. Poderia ser questionado se não seria suficiente inserir a restrição MAX-IO, que proíbe apagamento.

REFERÊNCIAS

- LEE, S.-H. Teoria da Otimalidade e Silabificação do PB. In: Ibler, Veronika. B, Eliana A. M. Mendes e Paulo F. M de Oliveira (eds.) *Revisitações*: Edição Comemorativa dos 30 anos da FALE/UFMG, Belo Horizonte, 1999, pp.143-156.
- MCCARTHY, J. J. *Doing Optimality: applying theory to data*. Blackwell Publishing, 2008.
- MCCARTHY, J. J.; PRINCE, A.. **Faithfulness and Identity in Prosodic Morphology**. JOHN J. MCCARTHY & ALAN PRINCE Faithfulness and reduplicative identity. In Jill Beckman, Laura Walsh Dickey & Suzanne Urbanczyk (eds.), *Papers in Optimality Theory. University of Massachusetts Occasional Papers* 18. Amherst, Mass.: Graduate Linguistic Student Association. 1995 pp. 249–384.
- MCCARTHY, J.J; PRINCE, A. **Faithfulness and Identity in Prosodic Morphology**. **Disponível em:** < <https://rucore.libraries.rutgers.edu/rutgers-lib/41852/PDF/1/> >. Acesso em: 16/12/2014
- PRINCE, A.; P. SMOLENSKY. *Optimality theory: constraint Interaction in Generative Grammar*. MIT Press, 1993.